

FERRARI, C. G.; MIORANDO, R.; RIBAS, Y. R. Resenha de *The Many Faces of Creativity: Exploring Synaesthesia through a Metaphorical Lens*. ReVEL, v. 23, n. 44, 2025. [www.revel.inf.br].

Resenha de *The Many Faces of Creativity: Exploring Synaesthesia through a Metaphorical Lens*

Caroline Girardi Ferrari¹

Rafaeli Miorando²

Yasmin Rodrigues Ribas³

carolinegirardiferrari@yahoo.com.br

miorandorafaeli@gmail.com

yasminrodriguesribas5@gmail.com

1. Metáfora e sinestesia: uma introdução

Pense em um número. Agora reflita: que cor você associa a ele? Essa associação ocorre de maneira espontânea? A cor sempre acompanha esse número em sua mente? E quando você escuta uma música, determinados ritmos evocam sensações específicas? Por exemplo, o heavy metal causando uma sensação de pressão, a música clássica uma sensação de suavidade, o funk de rigidez. Associações como essas – números e cores, música e sensações táteis –, são exemplos de sinestesia, isto é, conexões entre diferentes domínios sensoriais.

Ao propor as perguntas iniciais deste trabalho, convidamos você, leitor, a estabelecer conexões entre um número e uma cor, ou um ritmo musical e uma sensação. No entanto, esse exercício deliberado não caracteriza a sinestesia. Para muitos indivíduos, tais associações ocorrem de forma espontânea e involuntária, sem esforço consciente, em resposta a determinados estímulos. Esse fenômeno, que vai além de uma simples relação arbitrária, é uma característica fundamental da sinestesia – uma maneira natural e automática de perceber o mundo.

¹ Doutora em Letras - Estudos da Linguagem (Programa de Pós-Graduação em Letras - Universidade Federal do Rio Grande do Sul).

² Mestra em Letras - Estudos da Linguagem (Programa de Pós-Graduação em Letras - Universidade Federal do Rio Grande do Sul).

³ Graduanda em Letras - Bacharelado português e alemão (Universidade Federal do Rio Grande do Sul).

Em uma simples busca sobre a sinestesia e suas principais características, verificam-se diferentes variações do fenômeno (grafema-cor, som-cor, léxico-gustativa, tátil-emocional, espaço-tempo, som-tátil, etc). Em todos os casos, tratam-se de associações baseadas em experiências corpóreas individuais, relacionando diferentes modalidades sensoriais. Assim, um som pode evocar uma cor, ou uma emoção pode vincular-se a uma sensação física. De forma semelhante a uma metáfora, utiliza-se algo de domínio experiencial, mais prontamente acessível aos sentidos, para compreender melhor algo menos experiencial, nem sempre relacionado aos sentidos.

Verificando possíveis relações entre a sinestesia e a metáfora, constrói-se a obra aqui resenhada, nomeada *The Many Faces of Creativity: Exploring Synaesthesia through a Metaphorical Lens*. Neste livro, as autoras, especialistas em Linguística Cognitiva e Teoria da Metáfora Conceitual, desenvolvem uma análise sobre semelhanças e diferenças no processo de produção linguística sinestésica e metafórica, por meio de um estudo psicolinguístico. Há, também, uma atenção particular ao fator da criatividade, dado que a maioria das associações sinestésicas tendem a ser altamente criativas e individuais, algo que também pode estar presente nas associações metafóricas. De maneira geral, busca-se analisar o quanto a produção sinestésica e metafórica se relaciona, verificando aspectos criativos em uma amostra sinestésica e outra não sinestésica.

Embora existam inúmeros estudos clínicos e médicos sobre a sinestesia, ainda há muito a ser explorado no âmbito linguístico de populações sinestésicas. Por isso, a obra aqui resenhada vem a ser pioneira e inovadora, enfocando uma condição pouco avaliada pelos estudos linguísticos. Assim como metáforas, as associações neurológicas sinestésicas podem refletir padrões cognitivos sistemáticos, fornecendo pistas sobre como a mente humana estrutura e organiza conceitos abstratos de diferentes ordens sensoriais.

Para avaliar os aspectos acima descritos, as autoras organizam a obra em 5 capítulos, partindo de um capítulo de revisão teórica e outro de descrição metodológica para dois capítulos introduzindo e discutindo resultados. Ao final, apresentam-se as perspectivas gerais sugeridas pelos resultados, avaliando sua pertinência e suas colaborações em relação à área e aos achados prévios. Nesta resenha, portanto, a obra será apresentada em diferentes seções, mantendo o paralelismo em relação aos capítulos do livro. A seguir, delinearemos os aspectos de cada capítulo da obra, culminando com uma seção de análise geral e apreciação do livro.

2. Explorando sinestesia e metáfora: visão geral dos capítulos

No primeiro capítulo, **‘Tiny Balloons Filled with Mashed Potatoes’: What Is Synaesthesia, and What Has It Got to Do with Creativity and Metaphor?**, as autoras introduzem o conceito de sinestesia e apresentam, brevemente, o estudo realizado na obra. Por meio de uma ampla revisão teórica, que contempla estudos multidisciplinares sobre a sinestesia, as autoras definem sinestesia como uma associação entre diferentes modalidades sensoriais, em que a ativação de uma via sensorial provoca involuntariamente a ativação de outra, resultando em associações frequentes entre diferentes sentidos. Na obra, as autoras apresentam o seguinte exemplo: *The music of Bach ... reminds me of a large, beautiful cathedral – magnificent in its structure, beautiful in its lines, gorgeous in all the small, intimate details*. Neste caso, verificamos uma experiência auditiva, *ouvir a música de Bach*, sendo descrita por meio de uma experiência visual, *a visão dos traços arquitetônicos de uma catedral*.

Neste capítulo, após adotar uma definição teórico-operacional de sinestesia, as autoras buscam construir relações entre metáfora e sinestesia, um dos pontos centrais do capítulo e da obra como um todo. Assim como na sinestesia, a metáfora constrói relações entre diferentes domínios conceituais, buscando conceitualizar algo mais abstrato em termos de algo mais concreto. Relacionando a sinestesia e a metáfora às teorias de cognição corporificada (*embodied cognition*), as autoras questionam o quanto tais construtos se assemelham e diferem, dado que possuem diversos pontos comuns. Ambos podem apresentar características-chave de personificação, empatia, fatores avaliativos e emoção. Porém, enquanto as metáforas variam em graus de criatividade e convencionalidade, a sinestesia tende a ser altamente criativa e não convencional. Seria, portanto, a sinestesia um tipo de metáfora criativa?

Para as autoras, a percepção da sinestesia pode fornecer um olhar singular para a base da metáfora criativa, dado que há inúmeras características que coocorrem em ambas. Com isso, o objetivo principal da obra é estabelecido: identificar e examinar aspectos da sinestesia que contribuem para uma melhor compreensão dos fatores subjacentes ao uso da metáfora e da criatividade linguística. Em outras palavras, as autoras buscam analisar possíveis relações entre sinestesia, metáfora e criatividade na língua escrita.

Para responder a pergunta acima retomada e analisar os objetos de pesquisa, as autoras constroem uma revisão teórica sobre sinestesia, metáfora e criatividade. Trata-se de uma revisão abrangente, atualizada e acessível tanto para iniciantes nos estudos da Linguística Cognitiva, pois conceitos fundamentais da perspectiva são retomados de forma clara, quanto para leitores mais experientes, já que conexões inovadoras são realizadas entre os conceitos abordados e a sinestesia. Em síntese, a revisão sugere que as associações sinestésicas e metafóricas compartilham características essenciais, sendo amplamente baseadas em experiências corpóreas, pré-linguísticas e involuntárias, isto é, ocorrem naturalmente na linguagem e em nosso sistema conceitual. Em termos neurais, a revisão também sugere que a conectividade neural realizada por sinestésicos parece ampliar-se, favorecendo a formação de conexões entre ideias pouco relacionadas, demonstrando maior criatividade. Mesmo assim, na maioria das conexões criativas realizadas, há fatores aparentemente baseados em metáforas primárias, sugerindo uma fundamentação metafórica significativa à sinestesia.

As autoras também exploram, em sua revisão, outros fatores relevantes na intersecção entre metáfora e sinestesia, como a emoção e a empatia. A emoção, relacionada a respostas emocionais específicas na sinestesia, também está fortemente associada à produção de metáforas em indivíduos não sinestésicos. Durante a discussão, retomam-se conceitos importantes da psicologia cognitiva e experimental, como a valência emocional. Conforme a literatura apresentada, quanto maior a carga emocional de um adjetivo, mais ele é usado em metáforas possivelmente sinestésicas. Da mesma forma, quanto mais criativa uma metáfora, maior será a sua possibilidade de evocar sentidos negativos. Por hipótese, portanto, a conexão entre metáforas criativas, experiências emocionais e a avaliação das experiências pode ser mais forte em indivíduos sinestésicos. A empatia, por sua vez, demonstra estar presente ao verificar altos índices de uso de personificação em metáforas sinestésicas. Nesse caso, objetos não humanos recebem, metaforicamente, atributos humanos, sociais e afetivos. Assim, demonstram-se evidências de maior empatia emocional em indivíduos sinestésicos, projetando características humanas em suas percepções sensoriais e sugerindo respostas emocionais mais intensas.

Verificando os principais achados da revisão de literatura, as autoras desenvolvem o estudo apresentado nos capítulos seguintes, buscando comparar a

produção de metáforas criativas intersensoriais⁴ entre indivíduos sinestésicos e não sinestésicos, ao descrever experiências sensoriais positivas e negativas, bem como as características subjacentes ao uso das metáforas. Em suma, o capítulo estabelece as bases para uma análise aprofundada da intersecção entre sinestesia, metáfora e criatividade, argumentando a favor de que os mecanismos subjacentes à sinestesia podem fornecer maiores perspectivas sobre a linguagem metafórica e a criatividade.

No segundo capítulo, **‘Those Cookies Tasted of Regret...’: How We Investigated Evaluative Descriptions of Sensory Experiences**, descreve-se a metodologia utilizada pelas autoras ao conduzirem o estudo. A priori, destaca-se o fato de que as autoras optaram por detalhar a metodologia em um capítulo exclusivo para isso. Assim, permite-se uma descrição detalhada dos procedimentos adotados, junto a uma ampla explicação sobre o delineamento do estudo. A investigação por elas conduzida combinou métodos quantitativos e qualitativos, e foi realizado por meio de uma tarefa psicolinguística *online*. A pesquisa contou com a participação de 40 indivíduos, sendo 20 sinestésicos e 20 não sinestésicos, falantes nativos de inglês e maiores de 18 anos. A forma de recrutamento dos participantes também é um ponto positivo do estudo, dado que utilizou plataformas e grupos específicos para sinestésicos no Reino Unido, país de realização do estudo. Já os indivíduos não sinestésicos foram recrutados em anúncios de redes sociais. Embora o recrutamento dos indivíduos sinestésicos tenha sido realizado em plataformas confiáveis, nas quais a maioria dos membros se identifica como sinestésico, cabe ressaltar uma limitação do estudo, que também é apontada pelas autoras. Por ser uma tarefa realizada *online*, não houve um critério de seleção por diagnóstico, isto é, bastava que o participante se identificasse como sinestésico para participar. Assim, é possível que alguns participantes caracterizem-se como falsos positivos, não se enquadrando, de fato, no espectro da sinestesia.

Em relação aos instrumentos de pesquisa, duas tarefas foram utilizadas. Na primeira, os participantes descreviam, de forma escrita, algo que gostavam e algo que não gostavam em relação aos cinco sentidos (visão, audição, paladar, olfato e tato). Não havia limite de palavras ou tempo na tarefa. Na segunda tarefa, os participantes respondiam associações a palavras de emoções consideradas básicas por pesquisas anteriores: felicidade, tristeza, medo, raiva, surpresa e desgosto. Enquanto a primeira tarefa buscava evocar respostas emocionais sobre elementos externos, a segunda

⁴ Utilizando múltiplos sentidos.

objetivava receber respostas a emoções específicas, permitindo, assim, uma compreensão aprofundada sobre as diferenças nas experiências e expressões linguísticas entre sinestésicos e não sinestésicos.

Por meio das respostas fornecidas pelos participantes, elaborou-se um corpus de aproximadamente 15 mil palavras dos sinestésicos e 6 mil dos não sinestésicos, revelando uma maior riqueza nas explicações fornecidas por sinestésicos. O corpus foi analisado e organizado pelas autoras, primeiramente, por sentido (olfato, audição, etc) e valência (positiva ou negativa) e, posteriormente, por sentido e categoria (metáfora, efeito emocional, personificação, empatia, literal etc).

Neste capítulo, após descrever a metodologia empregada, alguns achados também são brevemente descritos, o que é bastante relevante e desperta a curiosidade do leitor para os próximos capítulos. Destes, destaca-se que os sinestésicos produziram respostas mais longas e detalhadas, o que sugere uma experiência sensorial mais rica e um maior envolvimento emocional com os estímulos. A criatividade de suas respostas, por sua vez, parece ser intensificada. Houve, com isso, uma maior tendência à produção de metáforas criativas, frequentemente associando emoções a descrições sensoriais. A valência emocional também demonstrou ser um fator de destaque, sugerindo que emoções negativas podem intensificar a produção de metáforas criativas. Nos capítulos seguintes, tais resultados são descritos com maior aprofundamento.

No terceiro capítulo, **‘... and Rotting Flesh’: How Do Synaesthetes and Non-synaesthetes Evaluate Sensory Experiences? What We Found...**, inicia-se a descrição dos resultados encontrados pelo estudo realizado. Como explicita o título do capítulo, a discussão aqui realizada enfoca a avaliação de experiências sensoriais produzidas por sinestésicos e não sinestésicos na tarefa de escrita, analisando a criatividade e a variedade de sentidos empregada pelos dois grupos. Tendo em vista a literatura apresentada em seções anteriores, esperava-se que os sinestésicos apresentassem um uso sensorial mais amplo e variado do que os não sinestésicos. Por meio de análises qualitativas e quantitativas, as autoras demonstram que, assim como esperado, os sinestésicos recorreram a descrições sensoriais com maior prevalência do que o grupo não sinestésico, com maior variação nos sentidos empregados nas respostas, mesmo que descrevendo uma única experiência sensorial. Já em relação aos participantes não sinestésicos, observou-se a produção de mapeamentos intersensoriais amplamente embasados no sentido do tato.

Com isso, as autoras puderam verificar que os dois grupos diferiram no seu uso de respostas sensoriais. Por um lado, mapeamentos sensoriais não demonstraram estar restritos somente a indivíduos sinestésicos, dado que aparecem também no grupo de não sinestésicos, mesmo que de maneira mais limitada. Por outro, pode-se corroborar que há prevalência de mapeamentos sensoriais para sinestésicos, podendo essa forma de conceitualização ser parte integrante do processamento de experiências dessa população. Em relação à valência das emoções, um ponto importante verificado pelas autoras é que, enquanto o grupo de não sinestésicos tende a utilizar mais associações sensoriais em relação a emoções negativas, o grupo sinestésico não demonstrou preferência por uma valência específica, utilizando associações sensoriais tanto para emoções negativas como positivas. Corroborar-se, mais uma vez, a hipótese de que tais associações são comuns ao grupo sinestésico e fazem parte diária de sua vida, enquanto o grupo não sinestésico possivelmente precisa de mais esforço criativo.

Em relação às categorias de respostas analisadas, as autoras puderam verificar uma maior variação de características de respostas em indivíduos sinestésicos, o que também se torna esperado devido à maior extensão das respostas desse grupo de participantes. Nesta análise, as autoras constatam que os sinestésicos produziram mais metáforas, referências a efeitos cognitivos, efeitos emocionais, empatia, personificação, julgamentos de valor, efeitos físicos e hipérboles. De forma geral, esse grupo parece expor descrições mais extremas sobre suas experiências, assim como respostas mais elaboradas. Em relação ao objetivo do estudo, é possível verificar que os sinestésicos produzem respostas mais ricas, assim como mais metáforas criativas e uma variedade maior de respostas intersensoriais, nas quais um sentido é elaborado através da linguagem de outro (por exemplo, "um som que parece azul"). Além disso, efeitos cognitivos, emocionais e julgamentos de valor demonstraram relacionar-se à presença de metáforas nas respostas de sinestésicos, sugerindo que as experiências cognitivas e emocionais dos sinestésicos podem influenciar diretamente sua forma de expressar conceitos por meio de metáforas. Em contraste, o grupo não sinestésico demonstrou utilizar mais descrições literais e diretas, metáforas convencionais, ou relatos de experiência em suas respostas, envolvendo menores índices de criatividade.

Em conclusão, os achados das autoras sugerem relações sólidas entre sinestesia, metáfora e criatividade, demonstrando que indivíduos sinestésicos possuem uma maior produção de metáforas intersensoriais e criativas ao descreverem suas experiências, relacionando-as a fatores variados, como efeitos cognitivos, emoções,

personificação e efeitos físicos. Os dados sugerem que a forma mais intensa e detalhada com que a amostra sinestésica experiencia estímulos sensoriais pode impulsionar a criação de metáforas criativas, evidenciando a influência da corporeidade na construção do significado.

No quarto capítulo, **‘Yeurch...’: How We Investigated Synaesthetes’ and Non-synaesthetes’ Responses to Emotion Words and Emotive Expressions, and What We Found**, descrevem-se os resultados da segunda etapa da pesquisa, obtidos com a tarefa de associação de palavras a emoções. Para analisar os dados, métodos quantitativos e qualitativos foram adotados. Assim como na tarefa anterior, as respostas da população sinestésica foram mais detalhadas e extensas, com uma maior variabilidade de categorias de respostas. Respostas pouco convencionais também foram mais prevalentes para sinestésicos, corroborando a hipótese de que, nesta população, há maior recorrência de criatividade.

Nos dados de sinestésicos, foram observadas categorias de respostas envolvendo ações, cores, fenômenos da natureza, pessoas, objetos físicos, cenários e associações sinestésicas, enquanto em dados de não sinestésicos, as categorias observadas foram conceitos abstratos, sinônimos, onomatopeias, sensações físicas e qualidades. Cabe ressaltar, também, que a maioria das respostas de sinestésicos puderam ser classificadas como associações não convencionais, enquanto a ampla maioria das respostas de não sinestésicos foi classificada como convencional. Assim, as autoras puderam notar que, embora sinestésicos também realizem associações convencionais, suas respostas empregam uma quantidade de categorias mais vasta, utilizando maiores recursos criativos para explicar emoções. Por outro lado, a população não sinestésica, que, por vezes, utilizou metáforas criativas, possui ampla preferência por respostas com associações mais convencionais, utilizando sinônimos das palavras apresentadas ou conceitos abstratos semanticamente relacionados. Os sinestésicos, com isso, demonstram uma abordagem mais diversificada na articulação de emoções, reforçando a relação entre sinestesia, criatividade e uso metafórico.

Análises adicionais também sugeriram relações entre algumas categorias de respostas para o grupo sinestésico, enquanto, para o grupo não sinestésico, somente uma relação foi encontrada entre duas categorias convencionalmente associadas (emoções e cores). Com isso, corroborando achados da primeira tarefa realizada, nota-se que os sinestésicos possuem maior facilidade para relacionar diferentes categorias conceituais. Conforme as autoras, isso pode ser justificado por características neurais

diferenciadas em sinestésicos, possivelmente com maiores índices de conectividade, suportando hipóteses anteriores na literatura.

Em geral, os achados sugerem que sinestésicos se envolvem com emoções de maneira mais profunda, utilizando experiências físicas ou relacionadas a aspectos mais concretos no mundo para melhor compreendê-las e explicá-las. Tais associações parecem ser, na maior parte das vezes, não convencionais e criativas, diferentemente de não sinestésicos. Estes apresentam uma tendência a associar emoções a seus sinônimos ou conceitos convencionalmente relacionados, com menores índices de criatividade.

Por fim, o capítulo final, **‘I Don’t Like Looking at Numbers with No Discernible Pattern’: Conclusion**, retoma os principais achados do estudo, suas contribuições e limitações. Como anteriormente mencionado, o estudo é inovador, por relacionar sinestesia e metáfora, algo pouco explorado nos estudos linguísticos, e pioneiro, ao abordar sinestesia e metáfora junto a conceitos como criatividade, emoção e valência. A forma como o estudo foi conduzido também é inovadora, enfocando a modalidade escrita da linguagem em relação aos conceitos abordados.

Ao articular os principais resultados do estudo, as autoras reforçam a literatura prévia e a inter-relação entre o processamento sinestésico e metafórico. Nas duas tarefas realizadas, envolvendo estímulos sensoriais e emocionais, padrões semelhantes de respostas foram encontrados. Isso sugere que sinestésicos apresentam maiores possibilidades de produzir metáforas intersensoriais e criativas como resposta a diferentes estímulos, ao descrever suas experiências sensoriais e emoções. Além disso, para sinestésicos, há também uma maior relação entre as experiências sensoriais e emoções, efeitos cognitivos e hipérboles do que para indivíduos não sinestésicos, gerando respostas mais ricas, descritivas e diversificadas. Tais achados, em uma análise global, podem servir como evidência de que o processamento de experiências de sinestésicos envolve processos mais corporificados e emocionalmente ricos, que, quando elicitados, geram descrições linguísticas potencialmente mais criativas e metaforicamente motivadas.

Turner e Littlemore (2023), com isso, constroem um amplo estudo que evidencia a interconexão entre sinestesia, metáfora e criatividade, sugerindo que indivíduos sinestésicos possuem associações conceituais mais amplas e um processamento mais intenso de estímulos sensoriais e emocionais. Reforça-se, assim, a ideia de que a experiência sensorial dos sinestésicos não apenas influencia a sua

percepção sobre o mundo, mas também se manifesta linguisticamente de forma expressiva, destacando o papel da corporeidade na construção do significado.

3. Metáfora e sinestesia: apreciação da obra

Como visto, a obra *The Many Faces of Creativity: Exploring Synaesthesia through a Metaphorical Lens* é um trabalho instigante, que analisa construtos complexos e pouco relacionados aos estudos linguísticos. Investigações linguísticas sobre a sinestesia e a metáfora já são, por si só, um diferencial. Nesta obra, porém, as autoras avançam teórica e experimentalmente, contemplando no estudo conceitos como sinestesia, metáfora, emoção e criatividade. Além do ineditismo da temática, a obra também se destaca pela clareza e fluidez, equilibrando uma abordagem explicativa com uma discussão aprofundada para diferentes públicos, desde leitores não especialistas a estudiosos da metáfora.

Um dos grandes méritos da obra é o recorte bibliográfico extremamente atualizado e interdisciplinar, agrupando referências tradicionais e recentes tanto da linguística quanto de áreas como psicologia e neurociência. É uma excelente indicação de leitura a linguistas que desejam compreender melhor os aspectos criativos da sinestesia, bem como o uso de metáforas criativas. Além disso, as autoras demonstram um cuidado especial ao ilustrar a explanação de conceitos e fenômenos complexos com uma variedade de exemplos, facilitando a compreensão dos leitores. No entanto, devido à complexidade do tema, o uso da terminologia especializada pode representar um desafio para leitores menos experientes em metáfora e sinestesia. Nesse caso, um índice e/ou glossário terminológico seria um acréscimo interessante à obra, auxiliando a navegação pelo seu conteúdo e a compreensão dos conceitos abordados.

A metodologia do estudo também é apresentada de forma detalhada, cobrindo desde o recrutamento dos participantes até o delineamento de hipóteses e a descrição dos materiais. Tal organização permite uma compreensão clara dos procedimentos experimentais adotados, mesmo diante de um tema de alta complexidade, facilitando futuras replicações do estudo. Outro ponto positivo em relação a isso é a inclusão do instrumento completo nos materiais suplementares, o que proporciona maior transparência e permite que o estudo seja analisado com mais profundidade.

Retomamos, aqui, que a originalidade do estudo merece destaque, uma vez que a investigação de sinestesia e metáfora é pouco explorada. A análise das respostas dos

participantes, no entanto, poderia ter sido mais aprofundada, especialmente no aspecto da sua categorização. Tal categorização, embora bastante descrita e exemplificada na obra, parece depender de um julgamento parcialmente subjetivo. A fim de enriquecer a metodologia e futuras replicações, a inclusão de um cálculo de concordância entre as avaliadoras, como o coeficiente Kappa, ou a participação de um número maior de avaliadores especialistas poderia fornecer maior confiabilidade e uma base mais robusta aos critérios adotados para a classificação de respostas. Porém, cabe ressaltar que tal limitação metodológica não invalida as nobres contribuições apresentadas pelo estudo, que abrem caminhos para pesquisas futuras expandirem ainda mais a discussão proposta.

A apresentação dos resultados também é bem estruturada, facilitando a compreensão dos achados. Ao organizarem os capítulos partindo de análises estatísticas e qualitativas gerais e avançando para resultados específicos por categorias de resposta, as autoras permitem ao leitor uma compreensão gradual sobre o desenvolvimento da análise. As tabelas apresentadas (no texto e nos materiais suplementares) são especialmente bem elaboradas, tornando mais fácil a comparação entre as diferentes categorias de resposta e auxiliando na visualização das observações realizadas. Na apresentação de resultados, também destacamos as notas de rodapé explicativas sobre os testes estatísticos empregados, auxiliando especialmente leitores com menos familiaridade com métodos estatísticos e tornando a discussão acessível a um público mais amplo.

No entanto, conforme reconhecido pelas autoras, um ponto que merece atenção é o tamanho da amostra, relativamente pequeno e desigual na distribuição entre as categorias de respostas analisadas. Como afirmado pelas próprias autoras, a categorização dos dados em categorias pode comprometer a robustez estatística dos resultados, exigindo uma amostra consideravelmente maior para garantir poder estatístico e a generalização dos achados. Assim, a pesquisa relatada também fornece uma base fortalecida para estudos futuros, que poderiam replicar a metodologia adotada com uma amostra mais ampla, verificando se os resultados permaneceriam os mesmos diante de uma amostra maior e buscando possíveis generalizações.

Em uma análise global, o trabalho de Turner e Littlemore (2023) representa uma contribuição pioneira, original e interdisciplinar para os estudos linguísticos, permitindo um entendimento abrangente da relação pouco explorada entre sinestesia, metáfora e criatividade. A clareza e a fluidez na escrita tornam a leitura acessível tanto

para especialistas na área quanto para leitores interessados no assunto, oferecendo um panorama perspicaz e instigante. Além de avançar a compreensão sobre a temática em relação ao papel da emoção e das experiências sensoriais na conceitualização, o livro também oferece um ponto de partida promissor para investigações futuras sobre a intersecção entre a cognição, a linguagem e a percepção. Com isso, recomendamos a leitura a todos que se interessam pelo estudo da sinestesia, de metáforas criativas e dos processos cognitivos subjacentes à conceitualização e à expressão linguística.

Referências bibliográficas

TURNER, Sarah; LITTLEMORE, Jeannette. *The Many Faces of Creativity: Exploring Synaesthesia through a Metaphorical Lens*. Cambridge: Cambridge University Press, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.1017/9781108974813>